

SEGUNDA PARTE

ANEXO N.º 1

ESTUDO SÔBRE A AMAZÔNIA MARANHENSE E SEUS
LIMITES FLORÍSTICOS *

RICARDO DE LEMOS FRÓIS

Botânico do Instituto Agrônômico do Norte

O plano para a organização de um mapa sôbre a Amazônia Maranhense, firma-se no princípio de que o estado, pela natureza de sua floresta extensa, baixas e campos recortados com formação de lagos, que certamente tiveram sua origem na mesma era amazônica, constitui parte integrante da "Hiléia", a região brasileira que se estuda no momento com o mais vivo interesse

Já, quando da última grande guerra, dada a premência mundial de matéria prima para as indústrias, particularmente aquelas empregadas na indústria bélica, intensificaram-se os estudos sôbre a Amazônia, sob vários e particularizados aspectos, desarraigando-a dêsse modo do plano da ficção, transferindo-a para o real e concreto da vida prática. Êsses estudos prosseguem sem interrupção, advindo das mesmas interessantes descobertas que nos abrem as portas e conhecimentos valiosos sôbre as riquezas naturais da região, para o equilíbrio do abastecimento das indústrias e por isso conseqüente valorização da Amazônia

A região amazônica, ou "Hiléia", penetra o estado do Maranhão tendo, por assim dizer, como limite geográfico, ao leste, o rio Mearim, cujo curso em quase tôda sua extensão se reveste de aspectos puramente amazônicos, exceto os extremos do mesmo com transição para o litoral, em sua parte inferior, e transição para a floia do Brasil Central em seu extremo superior. Na parte inferior do rio Mearim acentuam-se os campos de pastagem, com predominância do gênero *Paspalum* que se representa particularmente com as espécies: *virgatum* e *densum*, que constituem as pastagens para as invernadas dos rebanhos transferidos da baixada para ali no período das cheias. Como elemento botânico ressaltante e de proveito econômico encontram-se os extensos canaubais, *Copernicia cerifera* Mart, que separa a vegetação dos manguezais, *Rizophora mangle* L e *Avicennia nitida* L, *Laguncularia racemosa* (L.) Gaertn., *Conocarpus erectus* L. que formam a vegetação exclusiva das terras lamacentas com influência da água salgada das marés. Nessa distribuição de aspectos que se estabelecem no curso do rio Mearim apresentaremos então, em degraus fitológicos, começando com os manguezais, campos com vastas pastagens, canaubais, os aspectos amazônicos, cocais e transição para a floia nordestina ou Brasil Central

Segundo nossos estudos a *Amazônia Maranhense* pode ser traçada dentro do estado de modo tão inequívoco que, sem esforço, qualquer pessoa, mesmo pouco

* Texto explicativo do mapa da ocorrência de algumas espécies botânicas da flora amazônica no estado do Maranhão, especialmente escrito pelo Dr RICARDO DE LEMOS FRÓIS, botânico do Instituto Agrônômico do Norte, para acompanhar o presente relatório

Desejamos agradecer ao Dr FRÓIS a gentileza de sua valiosa colaboração (resultante de suas primeiras pesquisas de campo sôbre êste problema) que constitui um dos elementos científicos de que nos valem para traçar os limites da área de ocorrência da floresta amazônica, no território maranhense

dada a tais assuntos, poderá reconhecer facilmente esse engastamento natural ao qual nos reportamos.

Já dos naturalistas que em séculos passados visitaram o estado do Maranhão, coligimos, das suas opiniões, estabelecer-se essa zona de transição como que um entrelaçamento de flores diferentes ou enclavilhar, como afigurou à naturalista Prinzessin THERESA VON BAYERN, em sua viagem através do Maranhão em 1888.

Segundo o que deduzimos dos anais botânicos, os naturalistas que palmilhavam as terras maranhenses não formularam idéias diferentes senão já mesmo determinando zonas, como estabeleceu HUMBOLDT, "Hiléia", para a Amazônia e SAMPAIO, particularizando os aspectos fitogeográficos do Maranhão, estabeleceu a região dos "Cocais"

Ainda que para a documentação sobre os naturalistas que visitaram o Maranhão tomamos, entretanto, a oportunidade para apresentar os nomes de alguns que nos honram com suas presenças, e deram ensejo fossem assinaladas as datas desses acontecimentos, registrados na *Flora* de MARTIUS, donde extraímos as ocorrências que passamos a citar:

GEORGE MARCGRAF — Maranhão, 1642

CARL FRIEDERICH PHILIPP VON MARTIUS — São Luís, Caxias, Rio Itapicuru, Alcântara, Maranhão, 1819

JOHN EMANUEL POHL — São Pedro de Alcântara; Ilha dos Botes e Morro do Chapéu, Maranhão, 1819

GEORGE GARDNER — Maranhão, 1941.

GUSTAV WALLIS — Rio Pindaré, Maranhão, 1854

PAUL HERMANN WILHELM — 1869

JOSEPH SCHUCHT, 1878

Depois de examinarmos os vários aspectos do estado do Maranhão, servindo-nos dos trabalhos que se têm publicado sobre o mesmo, particularmente a obra do emérito professor de saudosa memória, RAIMUNDO LOPES (*O Torrão Maranhense*), a melhor obra sobre nosso assunto, admitimos que a menos que levantemos um mapa fitogeográfico do estado, jamais se poderá ter uma idéia precisa dos relevos florísticos amazônicos e sua extensão dentro do estado

Neste trabalho preliminar sobre a flora do Maranhão desejamos apresentar as documentações concretas da ocorrência florística de aspectos amazônicos no território do estado dentro da área cuja extensão limitamos com uma linha pontuada

O levantamento que nos propomos fazer, da *Amazônia Maranhense*, tem como ponto de partida leste a parte inferior do rio Meirim, onde a "Hiléia" estabelece sua linha limítrofe servindo-se dos campos e carnaubais para o rodapé do quadro de sua paisagem encimada com um emolduramento das zonas dos cocais com reflexos da flora do Nordeste

A faixa de carnaubais estende-se ao longo de sua margem pelo lado do Maranhão até as alturas de Barão de Grajaú no Alto Parnaíba. O extremo dos

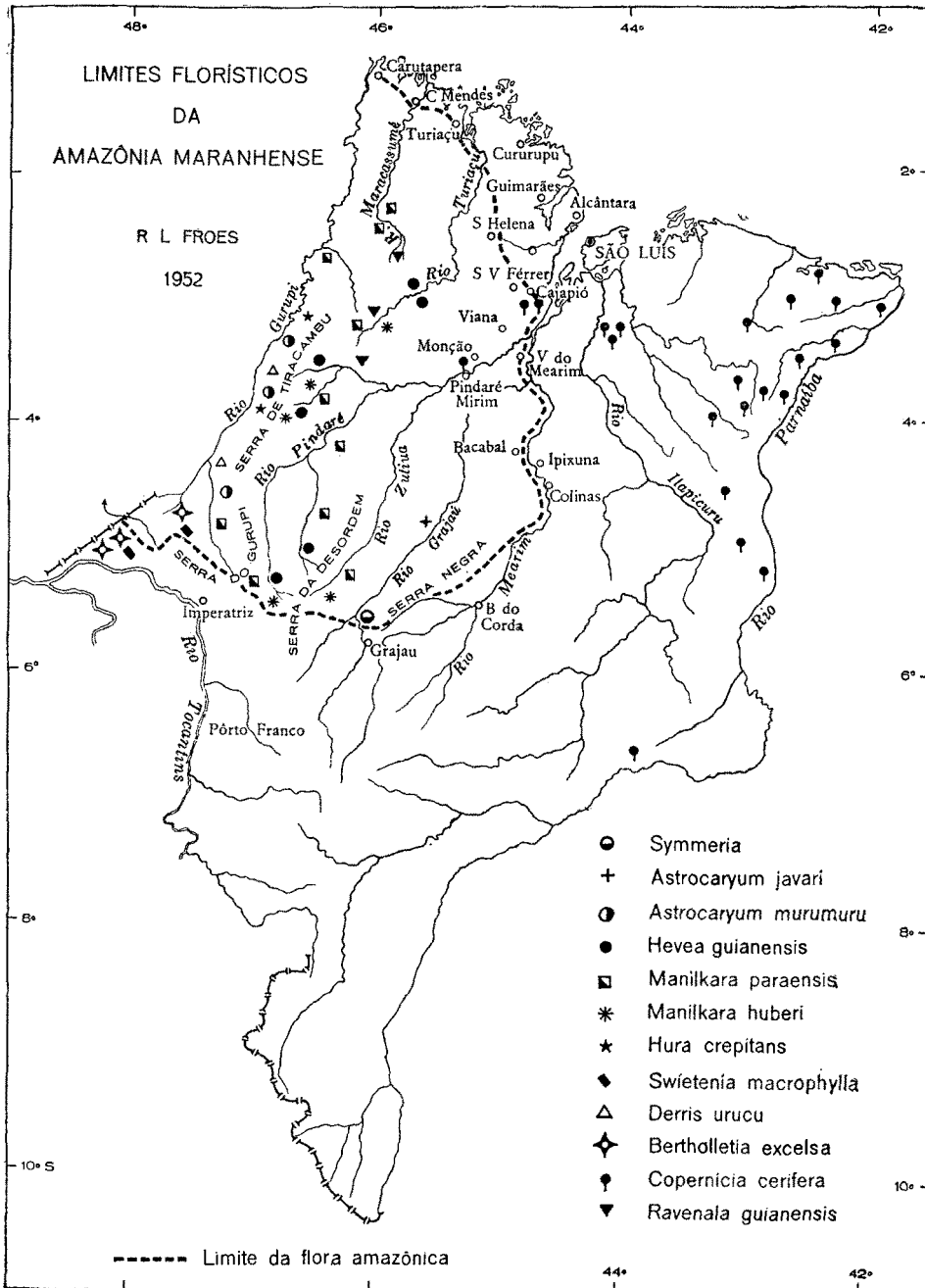
carneubais de Cajapió contorna os campos daquele setor e dali subindo o rio Pindaré, migratòriamente, estende-se até os campos do município de Monção onde se encontram algumas manchas perdidas em grupos de poucos indivíduos. Essas pequenas manchas se encontram a uma légua mais ou menos distantes da vila de Monção a caminho da fazenda Cuupaiti, com a denominação de Carneúba. Essa malhada de palmeiras evoca, em seu aspecto isolado, a expressão do cientista HUBER denominando as campinas isoladas em manchas na Amazônia: "emporte-pièce" "D'autre part, il n'y a, dans le climat, aucune explication pour les petits Campos (Campinas) qui souvent sont coupés comme à l'emporte-pièce ou milieu de la forêt"

Deixando o assunto sôbre os carneubais, prossigamos nossos passos à busca de onde devemos fincar a nossa baliza inicial do levantamento amazônico do estado do Maranhão. Antes disso registamos o fato de que, na própria ilha de São Luís, já contamos com algumas dezenas de espécies botânicas, que nos levam a crer achar-se a mesma ilha no outeiro delta do rio Amazonas. Do material que temos para comparação dessa ocorrência se acham recolhidas as espécies botânicas dos trabalhos realizados por FRÓIS e DUCKE em suas distanciadas visitas a essa ilha onde já pouco resta de sua flora primitiva. Encontram-se ali ainda plantas puramente amazônicas como sejam: *Gnetum modiflorum*, *Vismia guianensis*, *Virola surinamensis*, *Strichnos Peckii*, *Gustavia angusta*, *Carapa guianensis*, *Posoqueria latifolia*, e possivelmente outras mais, se melhor estudarmos aquela ilha.

Fixando nosso marco inicial amazônico, tomando para ponto de partida os carneubais e os campos que mencionamos, servir-nos-emos do mesmo rio Meaim como linha extrema que se estende até São Luís Gonzaga, onde já se estabelece a curva da flora não amazônica. Nesse recorchete florístico estabelece-se um desvio da linha limítrofe, rumando em direção ao rio Grajaú, atravessando as matas de Jujus e Olhos d'Águas do Valentim, que já demora nas terras altas que descambam para os vales e baixos dos rios Mearim e Grajaú, formando o grande lago do mesmo nome e o lago Açu que se estendem para formação da chamada "Baixada Maranhense".

Ao atingir nossa linha delimitando, à margem direita do rio Grajaú, estabeleceremos êsse rio como um divisor natural entre floras diversas, prosseguindo essa linha até as alturas da serra do Oratório onde, já de igual modo, se processa um outro desvio. Quebrando-se essa linha, precisamente em direção ao rio Santana, servimo-nos do mesmo para os limites de um novo trecho que já compreende as terras altas do rio Pindaré onde se acentuam, de modo mais expressivo, as características da flora amazônica com a representação de *Hevea guianensis* Aubl. (FRÓIS 20335, I A N). Dêsse setor do estado começam os seringais, estendendo-se a espécie com representação em todos os rios e igarapés do norte do estado, Turiaçu, Caru e particularmente o rio Gurupí, donde passa para o estado do Pará, abundante no rio Guamá, Capim, Moju e já mesmo com reflexo no rio Tocantins às alturas de Remansinho (FRÓIS 23472, I A N).

Do rio Pindaré para o rio Gurupi traçaremos uma linha sinuosa que contornando as terras altas, separa de forma reentrante, a flora amazônica da flora Brasil Central que, depois do enclavinhar que se estabelece, estende-se para os campos gerais, chapadas e carrascos que compõem o aspecto que chamamos:



“Sertão”. São dessas terras elevadas, onde se dividem os estados do Maranhão e Pará, que procedem os rios Capim, Guamá e Moju já quase na região do rio Tocantins.

Na região do alto rio Pindaré limita-se o aspecto amazônico com a flora das seras de Piracambu, Montes Áureos, Coroados, Gurupi, etc., cuja vegetação se assemelha à flora do médio rio Tocantins, onde se acentuam as características da transição para a flora dos cocais e Brasil Central (Esse último aspecto se estende através do rio Tocantins, alcançando o rio Araguaia e daí atravessando para o rio Xingu, dali rumando a oeste, para o rio Tapajós, e, finalmente, para o altíssimo rio Machado, afluente do Madeira, no território do Guaporé, estado do Mato Grosso)

Em síntese, podemos apresentar como elementos botânicos que se impõem, como indivíduos amazônicos, no Maranhão, os seguintes exemplos: — *Astrocaryum jauari*, palmeira (Rio Meaim); *Symmeria paniculata* (Rio Santana, afluente do Gajaú); *Hevea guianensis*; *Manilkara paraensis*, *M. Huberi*, *M. amazônica*, etc. (Rio Caru, afluente do Pindaré); *Huracrepans*, *Derris urucu*, *Astrocaryum murumuru* (Rio Gurupi); *Bertholetia excelsa* (Rio Jacundá, afluente do Tocantins); *Virola surinamensis*, *Erythrina glauca*, *Carapa guianensis*, *Pterocarpus draco*, *Euterpe oleracea* (Rio Gurupi); *Copaifera officinalis*, *Coumarona odorata*, *Swietenia macrophylla*, etc. (Rio Jacundá, afluente do Tocantins). Com estes breves pormenores pode-se facilmente compreender a extensão da Amazônia Maranhense, onde muitas riquezas naturais permanecem alheias ao conhecimento da ciência e do comércio, através de gerações. Nesta fase de carência, quando todos os povos apelam para as riquezas naturais, da qual dispõem, parece-me oportuno conhecermos aquelas que nos oferecem a vasta região amazônica do Maranhão e das mesmas fazermos uso, antes que se passe a oportunidade do seu melhor aproveitamento, dado o fato de que não há lei que impeça a comum devastação.

Nos trabalhos de Dr. DUCKE, sobre o gênero *Hevea* na Amazônia, encontra-se o registro da distribuição daquele gênero até o Maranhão, firmado nos estudos feitos pelo autor do presente e do Dr. LUÍS COSTA, quando em função no acôdo agrícola do Maranhão, no ano de 1943; de igual modo salienta-se a descoberta do mogno, *Swietenia macrophylla*, no território paraense, mas que se estende até o Maranhão, importante acontecimento no setor das pesquisas botânicas, no período da última guerra mundial RICARDO DE LEMOS FRÓIS — "Tropical Woods", *Revista da Yale University*

A organização de um herbário no Maranhão pôr-nos-á às mãos toda a riqueza florestal do estado, dando-nos dessaite, conta de tudo que de econômico existiu no ramo vegetal, ao mesmo tempo que nos facultará o intercâmbio científico com o mundo tanto interior como exterior, além de criar uma atmosfera de estímulo e um campo de atividades para estudiosos da natureza.

Devemos salientar que, dentro dos quilômetros que compreendem a área do estado do Maranhão, quase 50% constitui o que se pode chamar de Amazônia Maranhense. É portanto esta a melhor porção florestal do estado do Maranhão ou limiar da Amazônia o que se pode identificar através dos vários aspectos naturais bem ressaltantes já à primeira vista.

Foi essa a Amazônia dos primeiros dias do Brasil, capitania que depois por um lapso de tempo, esquecida volta agora aos mesmos interesses da ciência como um complemento de igual valor.